

## PREFÁCIO

Fernão de Magalhães é provavelmente um dos mais célebres navegadores portugueses de todos os tempos, pela sua ligação à primeira viagem de circum-navegação do globo terrestre. Depois de uma carreira mais ou menos discreta ao serviço de el-rei D. Manuel I, que o levou nos inícios do século XVI a terras do Oriente e também a Marrocos, passou a Espanha em finais de 1517, incompatibilizado com o monarca português, que lhe recusara a mercê a que julgava ter direito pelos serviços prestados à coroa lusitana. Levava consigo o projeto de tentar descobrir uma rota ocidental para as longínquas ilhas de Maluco, onde eram produzidas algumas das mais raras especiarias, as quais haviam sido alcançadas pelos portugueses poucos anos antes, a partir das suas bases recém-conquistadas na costa ocidental da Índia e na península da Malásia.

Carlos I de Espanha aceitou patrocinar o projeto de Magalhães, organizando uma expedição de cinco navios, de que lhe atribuiu o comando. As disposições do tratado de Tordesilhas, que fora assinado em 1494 na sequência da primeira viagem de Cristóvão Colombo, impediam os espanhóis de navegar para o Oriente pela via do Cabo da Boa Esperança, reservada em exclusivo para os portugueses. A proposta de Fernão de Magalhães, que de certa forma retomava a ideia original do almirante genovês, parecia a solução lógica para permitir uma intervenção espanhola no lucrativo tráfico de especiarias orientais, que por esses anos fazia a fortuna de Portugal. A armada magalhânica largou de Sevilha em agosto de 1519, para uma expedição que tinha como destino as ilhas mais orientais da Insulíndia, e que acabaria por se transformar na primeira viagem de circum-navegação. Fernão de Magalhães, como é sabido, sucumbiria já bem perto do seu objetivo final.

A passagem do quinto centenário do início desta histórica viagem pareceu uma boa oportunidade para desenvolver um inquérito sobre as leituras que teriam fundamentado o projeto do navegador português. A ideia de rumar ao arquipélago de Maluco pela via do poente deveria ter-se baseado em cuidadas leituras de guias náuticos, roteiros, tratados geográficos e relatos de viagens. Mas Magalhães não deixou grandes vestígios textuais, pois dele apenas se conhecem algumas cartas e memorandos, que não incluem referências de natureza bibliográfica. E apenas há notícias certas de ter possuído um único livro. Assim, a designação «em demanda

da biblioteca de Fernão de Magalhães» pareceu uma apropriada descrição para uma indagação sobre os livros que o navegador lusitano *poderia* ter possuído ou compulsado durante a preparação do seu projeto.

A direção da Biblioteca Nacional de Portugal deu de imediato o seu aval à minha proposta de celebrar a efeméride magalhânica com uma exposição bibliográfica, baseada na sua riquíssima coleção de livros antigos. A produção de um correspondente catálogo foi possibilitada pelo generoso apoio de três autarquias: a Câmara Municipal de Lagos, a Câmara Municipal de Lisboa e a Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia. Fundamental apoio logístico e institucional foi providenciado pelo Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, em Portimão, e pelo Centro de Humanidades da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores. Entretanto, quatro colegas de ofício, e também amigos de longa data, aceitaram de imediato, e com enorme entusiasmo, os convites que lhes dirigi para elaborarem textos complementares especificamente destinados a este projeto: Juan Gil, Consuelo Varela, Dejanirah Couto e José Manuel Garcia. Os técnicos e as técnicas da Biblioteca Nacional de Portugal, entretanto, responderam a este desafio com inexcedível empenho e com a competência de sempre. A todos quantos tornaram possível esta exposição e o correspondente catálogo dirijo os meus sinceros agradecimentos.

Lagos, dezembro de 2018

RUI MANUEL LOUREIRO